

HABILIDADES DE AUTOPROTEÇÃO AO ABUSO SEXUAL DE ESTUDANTES PRÉ-ADOLESCENTES DE UMA ESCOLA PÚBLICA

Cleocimar Aigner Paludo¹

Diandra Biesek²

Ana Paola Grando³

Fábio Augusto Lise⁴

RESUMO

Este é um estudo vinculado ao Grupo de Pesquisa em Estudos da Saúde, Ambiente, Esporte e Sociedade. Há um crescente aumento de casos de abuso sexual em crianças em idade escolar. No Brasil, a violência sexual ocupa o segundo lugar entre os tipos de violências registradas. Em muitos casos o abuso é praticado por pessoas do convívio familiar, ou seja, daqueles que têm por função proteger, e não sacrificar a infância delas. O objetivo com este estudo foi analisar as habilidades de autoproteção ao abuso sexual em estudantes pré-adolescentes de escola pública. A pesquisa ocorreu de forma quantitativa, qualitativa e descritiva, e obteve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc). As participantes foram do sexo feminino na faixa etária de 9 a 12 anos, estudantes do terceiro ao quinto ano de escola pública de um município da região Oeste de Santa Catarina. Para a coleta de dados foi utilizado um questionário denominado “E SE”, que compreende WIST-III-R, com perguntas fechadas desenvolvidas para medir as habilidades de crianças e pré-adolescentes a fim de reconhecer, resistir e reportar situações que caracterizam ou possibilitam o abuso sexual. Foi possível observar que 87,18% reconheceram as situações como adequadas, já nas inadequadas, apenas 44,22% reconheceram as situações como inapropriadas, e 21,79% não apresentaram habilidades de resistência de toques inapropriados e de autoproteção. E 57,61% reconheceram que o corpo não deve ser tocado por ninguém desconhecido e que elas gostam de si mesmas.

Palavras-chave: Abuso sexual. Habilidades sociais. Estudantes pré-adolescentes.

1 INTRODUÇÃO

O abuso sexual na adolescência é um fenômeno que atinge a todas as idades, classes sociais, culturais e principalmente crianças e pré-adolescentes com idades entre 0 e 12 anos. É uma violência que não escolhe gênero, cor ou classe social. É praticada, geralmente, por pessoas próximas às vítimas e gera conflitos emocionais às crianças, trazendo consigo sofrimento psicológico às suas vidas.

No Brasil a violência sexual ocupa o segundo lugar dentro dos tipos de violências registradas; 22% envolvem menores com faixa etária de menos de um ano, e 77% envolvem crianças de 1 a 9 anos e de 10 a 14 anos a porcentagem chega a 10,5%. Dentro desses dados vale ressaltar que 64,5% dos casos de abusos sexual ocorrem na própria família, ou seja, por pais, padrastos, tios, primos. Daí a relevância acadêmica acerca da temática (PORTAL BRASIL, 2014).

Os dados têm mostrado que é alarmante a situação, e levam a considerar que o abuso em todas as idades é preocupante, uma vez que é na pré-adolescência que os indivíduos têm o seu desenvolvimento físico e cognitivo, e é

¹ Mestre em Psicologia e em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professora no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; cleocimar.paludo@unoesc.edu.br

² Graduada em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; diandra.biesek01@gmail.com

³ Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina; Professora no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; ana.grando@unoesc.edu.br

⁴ Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade do Vale dos Sinos; Professor no Curso de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina de Xanxerê; fabio.lise@unoesc.edu.br

na infância que há uma participação mais efetiva dos pais em sua vida. A família é uma instituição básica e fundamental na vida das crianças e o responsável direto por sua formação ética e moral.

A importância da prevenção contra o abuso sexual na adolescência é relevante por ser um tema muito discutido pela sociedade, em razão dos seus efeitos. Avaliar e reeducar as habilidades de autoproteção torna-se necessário pela observação na sociedade, visto que há cada vez mais relatos de casos de abuso sexual na pré-adolescência.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A análise das habilidades de autoproteção ao abuso sexual em estudantes pré-adolescentes do Município de Xanxerê foi feita por meio de uma pesquisa quantitativa, qualitativa e descritiva. As participantes da pesquisa foram crianças e pré-adolescentes do sexo feminino com idades entre 9 e 12 anos e estudantes do terceiro e ao quinto ano da escola pública do Município. A coleta de dados se realizou por intermédio de um questionário denominado “E SE”, que compreende WIST-III-R, com perguntas fechadas desenvolvidas para medir as habilidades de crianças e pré-adolescentes a fim de reconhecer, resistir e reportar situações que caracterizam ou possibilitam o abuso sexual. A coleta de dados foi feita na instituição escolar coparticipante em dia combinado. A análise dos dados foi realizada de acordo com a análise de conteúdo e os seguintes eixos norteadores: situações adequadas, inadequadas e de segurança pessoal, a fim de reconhecer, resistir e reportar situações que caracterizam ou possibilitam o abuso sexual.

Os cuidados éticos tomados foram o consentimento dos participantes da pesquisa por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a garantia de sigilo e a submissão à aprovação do projeto desta pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc). A pesquisa ofereceu riscos mínimos aos respondentes da pesquisa, uma vez que não foi evidenciado desconforto durante a realização da entrevista.

3 AS HABILIDADES DE RECONHECIMENTO E DE RESISTÊNCIA DE TOQUES INAPROPRIADOS DOS ESTUDANTES PRÉ-ADOLESCENTES

As habilidades sociais são definidas como comportamentos presentes no indivíduo que possui probabilidade de reforçar suas capacidades e as das demais pessoas. Para os adolescentes, as habilidades sociais estão relacionadas ao autocontrole, empatia, assertividade, afetividade e vivacidade social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

As habilidades de autoproteção são aquelas que ponderam ao indivíduo para que ele seja capaz, em uma situação de risco, de apresentar comportamentos adequados, ou seja, que o protejam de possíveis maus-tratos, incluindo o abuso sexual. É possível considerar como proteção ações como gritos de autodefesa, pedido de ajuda a amigos, e contar a alguém caso algo ocorra. Essas habilidades precisam ser reforçadas, treinadas e fortalecidas para serem reconhecidas, resistidas e reportadas em possíveis agressões sexuais (BARROS; WILLIAMS; BRINO, 2008).

A ocorrência das habilidades de reconhecimento e de resistência a toques inapropriados dos estudantes pré-adolescentes consideradas situações adequadas decorrentes da indicação de três sentenças observadas no Gráfico 1. É possível observar que as Sentenças 1 e 2 apresentam o grau mais elevado no reconhecimento de que essas situações são adequadas. Todas as pré-adolescentes pesquisadas (100%) indicaram que *é adequado seus pais olharem ou o médico tocar suas partes íntimas*. Na Sentença 3, que verifica *se estaria tudo bem a enfermeira tocar nas suas partes íntimas*, a maioria das pré-adolescentes (61,53%) reconheceu que *a situação é apropriada e que a enfermeira estaria apenas fazendo seu trabalho*. As demais estudantes pré-adolescentes, 38,36%, não reconheceram como uma situação apropriada, e indicaram que *não deixariam a enfermeira tocar nem passar remédio sobre as partes íntimas*.

Por meio das entrevistas com as estudantes pré-adolescentes participantes da pesquisa foi possível notar que a maioria possui um senso sobre o que é apropriado nas situações descritas nas três sentenças da Tabela 1, bem como na maioria das respostas a essas situações. Elas indicaram que os pais seriam os primeiros a saber de algo, como revelam as participante 5 e 8: “[...] Eu falaria que tinha caído do triciclo!”, “[...] Mãe, pai, machuquei minhas partes íntimas!” (informações verbais). Esses dados revelaram que para essas estudantes pré-adolescentes a família se constitui como a principal referência na busca de ajuda e apoio em situações inadequadas. Assim os pré-adolescentes conseguem que essas relações sejam adequadas e se transformem em aspectos positivos e de confiança mútua.

É na família que a criança tem a oportunidade de aprender e ensaiar as suas interações sociais, pelas quais ela aprenderá a identificar comportamentos que são ou não aceitáveis em nossa sociedade. É no período da adolescência que a relação entre pais e filhos exige medidas de apoio e controle e, também, é preciso ajudar os adolescentes a criarem sua própria autonomia (PLATAFORMA BARÓMETRO SOCIAL, 2014).

Quando perguntado às pré-adolescentes estudantes pesquisadas se estaria *“tudo bem em ir ao médico”*, todas concordaram e interpretaram como uma situação adequada, pelo fato de ter confiança nos pais e no médico e entender que é uma ação importante e necessária para a saúde. A forma como os pais demonstram atenção a suas filhas passa a ser entendida por elas como uma forma de demonstração de amor, cuidado e bem-querer, o que faz com que se estabeleça uma aliança de confiança entre eles.

A relação afetiva estabelecida entre os pais e suas filhas possui um caráter afetivo, educacional e de cuidado que desenvolve demandas de habilidades sociais das estudantes pré-adolescentes. Essas habilidades estão orientadas para dar equilíbrio entre os objetivos afetivos imediatos e os objetivos de meio e longo prazo a fim de promover o desenvolvimento integral das filhas e prepará-las para a vida (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008).

3.1 A DISCRIMINAÇÃO DAS SITUAÇÕES QUE OFERECEM OU NÃO RISCO DE ABUSO SEXUAL PELAS ESTUDANTES PRÉ-ADOLESCENTES

Del Prette e Del Prette (2005) enfatizam que existe uma variedade de classes de habilidades sociais e por essa razão não há concordância entre os estudiosos da área para classificá-las, apenas de modo geral. No contexto de abuso sexual, pode ser utilizado o treino assertivo e empático. Assertivo por expressar sentimentos que levam em consideração as convicções de seus direitos e dos demais envolvidos; fazer e recusar pedidos; propor mudanças no comportamento e negociar interesses ou pedidos desnecessários. Na classe empática, compreende observar o outro, importar e compreender os sentimentos alheios, expressar respeito, oferecer ou compartilhar ajuda (ARANTES, 2006).

No contexto de situações inadequadas classificaram-se as habilidades assertivas, pois se considera o que a criança e o adolescente não desejam, por entender que isso vai contra seu direito de gostar ou não; a recusa de pedidos que consideram incoerentes o que os pais ensinaram e negociar o que não deseja. Essas formas aprendidas podem ser utilizadas pelas estudantes pré-adolescentes como valores e crenças apropriadas, ajudando-as a construir a base familiar desejada.

A ocorrência da discriminação das situações que oferecem ou não risco de abuso sexual pelas estudantes pré-adolescentes foi observada por meio de três sentenças verificadas na Figura 1. Foi evidenciado que todas as estudantes pré-adolescentes (100%) consideraram as Sentenças 4, 5 e 6 como situações inapropriadas. Elas indicaram que não estaria tudo bem *o vizinho tirar fotos das partes íntimas, nem o cuidador tocar em suas partes íntimas, ou um estranho tocar as partes íntimas em troca de sorvete*. No entanto, ao serem indagadas de que forma fugiriam dessas situações inapropriadas que oferecem ou não risco de abuso sexual, as respostas de fuga e recusa não foram adequadas.

Quando crianças e pré-adolescentes estão diante de a situações inapropriadas, têm por comportamento lembrar o que os pais lhe repassaram utilizando-se da memória. Isso pode ser observado na fala da participante 1, quando revela que *“[...] Isso não é brincadeira, e eu vou contar tudo para minha mãe e meu pai.”* (informação verbal). Scheffer (2005) enfatiza que quando o pré-adolescente presta atenção à informação, ele deve obter uma forma de guardar essa informação, ou usá-la para resolver algum problema, por intermédio da memória estratégica para reter essas informações e utilizá-las de forma adequada.

É significativo que os pais trabalhem com seus filhos pré-adolescentes que comportamentos inadequados podem levar a situações inapropriadas. Isso porque 24% dos agressores sexuais de crianças são os próprios pais ou padrastos, e 32% são amigos ou conhecidos da vítima (COMPROMISSO E ATITUDE, 2016).

Na situação proposta pela Sentença 4 da Tabela 2, se estaria tudo bem *se um vizinho que é uma grande pessoa que vive perto de você lhe dissesse: “Ei, [nome da criança], vamos jogar um divertido jogo real! Você tira todas as suas roupas e eu vou tirar fotos de suas partes íntimas com minha câmera!”*, foi evidenciado que todas respondentes da pesquisa (100%) tiveram um sobressalto com essas situações, uma vez que revelaram acreditar que membros da família e/ou amigos deveriam protegê-las dessas possíveis situações.

Quando o abusador é um membro da família, a criança e a pré-adolescente podem se manter caladas a respeito do abuso sexual por temer perder o vínculo e o amor dos pais e destruir a família. Neste estudo, 30,77% das estudantes pré-adolescentes pesquisadas indicaram que *A não recusa de pedidos* pode demonstrar um pacto de silêncio entre os envolvidos, ou porque simplesmente não sabem como lidar com essas situações. O ficar calado também é um sinal que os pais devem estar atentos. O agressor, em geral, utiliza seu papel de afeto, de cuidar e de confiança para estar próximo à criança e de forma sutil fazer pedidos e iniciar o abuso sexual. De imediato o estudante pré-adolescente não percebe que essa interação é abusiva e por essa razão prefere não revelar (COGO, 2011).

Na situação da Sentença 5 “*Estaria tudo bem se o cuidador tocasse suas partes íntimas em troca de recompensa?*”, todas as estudantes entrevistadas reconheceram a situação como inapropriada. Entre elas, 84,61% das entrevistadas desviariam da situação, para fugir dela. Essa ação é considerada uma recusa definitiva das pré-adolescentes a essa situação inapropriada, conforme revela a Participante 1: “[...] Iria para meu quarto, trancaria a porta e ligaria para meus pais.” (informação verbal). Outros 15,39% das entrevistadas revelaram que sairiam da situação, mas não contariam a ninguém sobre o acontecido. A forma de lidar com essa situação inapropriada é considerada uma não recusa, que é expressa pela Participante 6: “[...] Eu iria dormir cedo!” (informação verbal).

Expressar as opiniões é uma habilidade indispensável para a construção de vínculos saudáveis de confiança, honestidade; envolve o concordar e o discordar de ideias de outras pessoas. Algumas situações podem ser mais desafiadoras que outras, principalmente em relação a grupos e pessoas com autoridade (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008). Os autores enfatizam que com frequência a criança ou o pré-adolescente tenta resolver uma situação de imediato por meio da primeira alternativa que surge a ela. A probabilidade de o indivíduo ser bem-sucedido aumenta ao verificar se há algum problema, qual a sua natureza e quais as possíveis alternativas, e assim selecionar a mais provável. A Participante 4 revelou que a forma de fugir da situação inadequada proposta na Sentença 5 seria “[...] Sairia correndo para algum lugar.” (informação verbal).

Os pais, mesmo com filhos pré-adolescentes, precisam observar bem quem eles colocam dentro de casa para cuidar de seus filhos; devem buscar por informações básicas, como referência de locais de trabalho, família, local onde reside. Estabelecer padrões e regras também é uma forma de ajudar a prevenir futuros problemas, tanto para os pais quanto para os filhos.

Na Sentença 6, que verificou a discriminação das situações que oferecem ou não risco de abuso sexual pelas estudantes pré-adolescentes, foi perguntado a elas: *Estaria tudo bem um homem lhe tocar as partes íntimas em troca de um sorvete?* Foi evidenciado que todas as entrevistadas (100%) reconheceram essa situação como inapropriada. No entanto, metade das pré-adolescentes (53,85%) tiveram uma recusa definitiva desse pedido e sairiam do local e contariam a alguém sobre o pedido. Já 46,15% permaneceriam na situação, não saindo do lugar e nem mesmo pedindo ajuda a alguém.

Parece ser fácil recusar pedidos abusivos, inconvenientes, que por si não se justificam. No entanto, ainda que a pré-adolescente perceba que está sendo explorada em algumas situações, pode ter dificuldades em recusar, porque teme as consequências negativas de negar a tal pedido (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008). Os pais precisam estar informados sobre a vivência e as formas que seus filhos lidam com situações inadequadas. Para isso, é necessário estar disposto a ouvi-los, acreditar, mesmo que pareça irreal, no que eles falam e dispor de tempo para conversa, saber sobre os momentos de lazer dos filhos e informar-se sobre o que eles sabem sobre violência e abuso sexual (BARROS; WILLIAMS, 2008).

Crianças e pré-adolescentes que aprenderam a recusar propostas inapropriadas, sem precisar se sentir culpadas pela recusa, terão mais condições de não serem manipuladas com facilidade e se tornam independentes e com autonomia para recusar pedidos incorretos.

3.2 O REPERTÓRIO DE HABILIDADES DE AUTOPROTEÇÃO DOS PRÉ-ADOLESCENTES PARA RECONHECIMENTO DE SITUAÇÕES DE RISCO

Um comportamento socialmente habilidoso é entendido como um conjunto de comportamentos transmitidos por um indivíduo em um contexto interpessoal no qual expressa seus sentimentos, desejos, opiniões, atitudes ou direitos de um modo adequado a essa situação e minimiza a hipótese de problemas futuros (CABALLO, 2002). Para os pré-

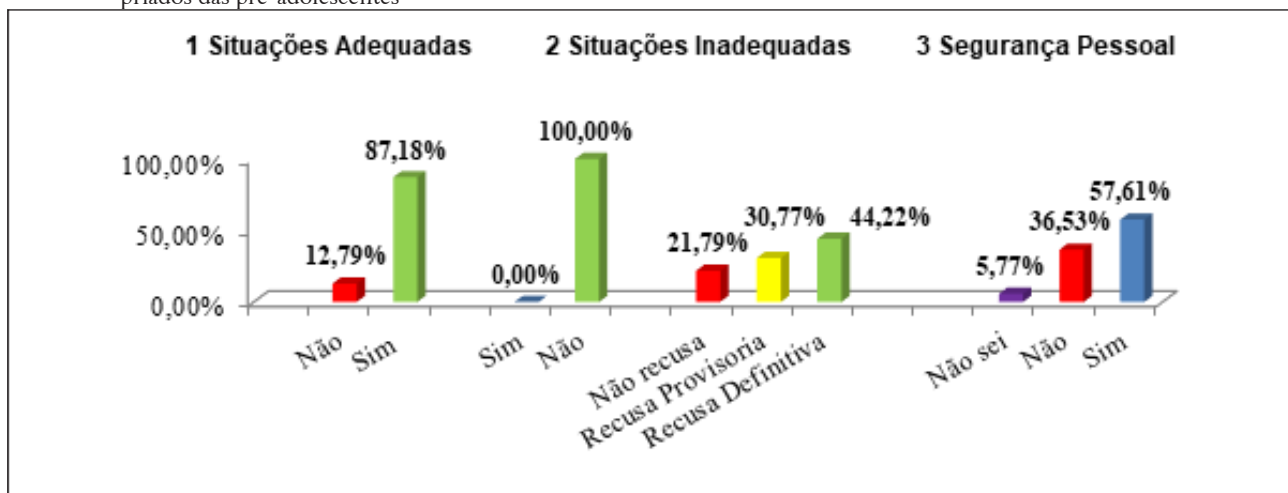
-adolescentes, as habilidades sociais estão relacionadas ao autocontrole, empatia, assertividade, afetividade e vivacidade social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001).

Pode ser observada no Gráfico 1 a ocorrência do repertório de habilidades de autoproteção das estudantes pré-adolescentes para reconhecimento de situações de risco em um questionário de segurança pessoal por meio de duas sentenças. Quando as pesquisadas foram perguntadas, na Sentença 7, sobre o que faria se “*visse outra criança sendo tocada por um adulto sem ela ter feito nada*” todas afirmaram (100%) que não justificaria a criança ser tocada por um adulto mesmo que ela tenha feito algo de errado. Ao perguntar às estudantes pré-adolescentes se *contaria a alguém sobre isso*, todas (100%) indicaram que sim, que contariam a alguém em algum momento ou até mesmo imediatamente. Na Sentença 8 foi observado que, entre as pesquisadas, 61,53% revelaram que estaria tudo bem (Seria Ok) *tocar suas partes íntimas*, outras (30,77%) indicaram que não. Ainda, na mesma Sentença 8, foi possível notar que 69,24% das pré-adolescentes revelaram que *gostam das suas partes íntimas*, e outras (15,38%) apontaram que não.

A habilidade empática pode ser entendida como a capacidade de entender a demanda afetiva que alguém está vivenciando, e assim comunicar-se de forma adequada (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001). Diante dessa habilidade, percebe-se que ocorre uma interação social na qual são valorizadas as demandas afetivas do outro. O ato de não guardar segredo revela a percepção de que aquilo é errado, conforme aponta a Participante 4 em resposta à Sentença 6: “[...] Iria dizer não e sairia correndo pedindo socorro.” Já a participante 12 conduziria a situação da seguinte forma “[...] Eu iria dizer a ela que contaria.” (informações verbais). É possível notar que essas estudantes pré-adolescente demonstram grau de preocupação com algo que consideram errado em razão da atitude de dizer não a quem pede e de pedir ajuda.

A aceitação ou a recusa de pedidos de situações inadequadas não depende somente da possibilidade de atendê-los, mas também da avaliação que a pré-adolescente faz sobre qual a necessidade do outro, a ocasião e de que forma é apresentada. Atender a um pedido razoável e considerável expressa solidariedade e auxílio a quem pede (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2008).

Gráfico 1 – Percentuais comparativos dos graus de habilidades de reconhecimento e de resistência de toques apropriados e inapropriados das pré-adolescentes



Fonte: os autores.

Ao recusar pedidos abusivos, o pré-adolescente consegue se proteger de problemas futuros e evitar que essas situações possibilitem que outras pessoas mal-intencionadas se aproveitem da situação. Por isso, é importante que os estudantes pré-adolescentes aprendam com seus pais a negar pedidos em determinadas situações que possam lhes causar arrependimentos ou danos irreversíveis. Entender as habilidades sociais requer compreender os comportamentos sociais hábeis, ou seja, os comportamentos compreendidos como corretos no contexto familiar junto aos pais e a um contexto científico (ARANTES, 2006).

No Gráfico 1, estão indicados os percentuais comparativos dos graus de habilidades de reconhecimento e de resistência de toques apropriados e inapropriados das estudantes pré-adolescentes. É possível afirmar que elas conseguiram distinguir as situações apropriadas das inapropriadas. Ou seja, apresentaram habilidades de reconhecimento e de resistência de toques apropriados dos inapropriados. Em relação às habilidades para reconhecer as situações adequadas,

nota-se que 87,18% das participantes reconheceram que *mostrar ao pai e à mãe, ir ao médico e deixar a enfermeira passar remédio sobre as partes íntimas* está entre as atividades adequadas. Outras (12,79%) consideraram que nem todas essas situações são adequadas. No que diz respeito ao reconhecimento de situações inadequadas pelas estudantes pré-adolescentes, foi possível observar que 100% indicaram as situações como inapropriadas (4 – *Estaria tudo bem o vizinho tirar fotos?* 5 – *O cuidador trocar suas partes íntimas em troca de recompensa?* 6 – *Um homem lhe tocar as partes íntimas em troca de um sorvete?*). No entanto, ao serem indagadas de como sairiam dessas situações, somente 44,22% obtiveram uma recusa definitiva do pedido (fugir do local ou pedir ajuda). Outras 30,77% apontaram que recusariam o pedido, mas permaneceriam na situação em fuga ou no pedido de ajuda, que caracteriza uma recusa provisória. As demais 21,79% não sairiam, não fugiriam e não contariam a ninguém sobre o pedido, mesmo reconhecendo como uma situação inapropriada para sua idade, o que representa uma não recusa ao pedido. Já no questionário de segurança pessoal, nas sentenças 7 e 8 (*E se uma pessoa grande tocasse nas partes íntimas de uma criança? E se você fosse à banheira e você estivesse lavando seu corpo?*), 57,61%, das entrevistas afirmaram que gostam do seu corpo e que não devem ser tocadas por outras pessoas em hipótese alguma. Já 36,53% reconhecem que seu corpo não deve ser tocado, mas não gostam dele. E os outros 5,77% não souberam responder ou ficaram em dúvida.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que 21,79% das estudantes pré-adolescentes não apresentaram habilidades de resistência de toques inapropriados e de autoproteção. Esses dados revelam que elas se encontram vulneráveis a situações abusivas, pois não possuem um repertório habilidoso para fugir de determinadas situações inadequadas, seja pelo medo seja por acreditar que não precisa se retirar daquela situação.

Todas as estudantes entrevistadas demonstraram discriminar as situações inadequadas que possam lhes oferecer riscos, bem como revelaram poder contar aos pais para fugir de situações inadequadas. Os pais são percebidos pelas crianças e pré-adolescentes como participantes na formação e no desenvolvimento de habilidades sociais de proteção. São eles que indicam a forma correta de agir, mediante aos ensinamentos e a forma como estão presentes nas vidas dos filhos.

Uma das estratégias para proteger crianças e pré-adolescentes de possíveis abusos sexuais ou as já vitimadas, apontada por Arantes (2008), é ensiná-las a diferenciar comportamentos prejudiciais e manipuladores que os adultos apresentam, para que elas possam ter a oportunidade de dizer não e fugir de situações inadequadas para sua idade.

Compreende-se que a promoção da saúde e a prevenção, por meio do desenvolvimento de habilidades sociais de autoproteção, é um caminho viável para (re)descobrir e despertar a consciência da realidade atual dos abusos sexuais e que prevenir faz parte de uma série de atitudes que antecede o abuso na tentativa de humanizar as relações e valorizar a vida de cada indivíduo (FERRARI; VECINA, 2002).

Esta pesquisa atendeu à relevância social e científica a que se propôs, na medida em que possibilitou avaliar as habilidades sociais de proteção das estudantes pré-adolescentes, alunas da rede pública de ensino de um município da região Oeste de Santa Catarina. Por meio desse estudo, profissionais da área da saúde, da educação e da assistência social poderão desenvolver ações educativas, de promoção da saúde e de prevenção de situações de abuso sexual por meio do desenvolvimento de habilidades sociais de autoproteção de crianças, pré-adolescentes e adolescentes.

Sexual abuse self-protection skills of pre-adolescent students in a public school

Abstract

There is an increasing increase in cases of sexual abuse in school-aged children. In Brazil, sexual violence ranks second among the types of recorded violence. In many cases the abuse is practiced by people of the family, that is, those whose job is to protect and not sacrifice their childhood. The objective of this study was to analyze the self-protection skills of sexual abuse in pre-school public school students. The research was quantitative, qualitative and descriptive, obtained approval from the Research Ethics Committee (CEP) of the University of the West of Santa Catarina (UNOESC). The subjects were female in the age group of 9 to 12 years, students of the 3rd to 5th year of public school in a city in the western region of Santa Catarina. For data collection, a questionnaire called "E SE" was used, which includes WIST-III-R, with closed questions developed to measure the abilities of children and pre-adolescents in order to recognize,

resist and report situations that characterize or enable to sexual abuse. It was possible to observe that 87.18% recognized the situations as adequate, whereas in the inadequate only 44.22% recognized the situations as inappropriate and that 21.79% did not present resistance skills of inappropriate touches and selfprotection. And 57.61% acknowledged that the body should not be touched by anyone unknown and that they like themselves.

Keywords: Sexual abuse. Social skills. Pre-adolescent students.

REFERÊNCIAS

- ARANTES, J. de C. **Treino das Habilidades sociais com crianças abusadas sexualmente**. Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília, DF, 2006.
- BARROS, R. D.; WILLIAMS, L. C. A; BRINO, R. de F. **Habilidades de autoproteção acerca do abuso sexual em mulheres com deficiência mental**. Universidade Federal de São Carlos. Pós-Graduação em educação especial. 2008. p. 93-109.
- CABALLO, V. E. **Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento**. São Paulo: Santos, 2002.
- COGO, K. S. **Consequências psicológicas do abuso Sexual infantil**. Universidade do Oeste de Santa Catarina – Campus São Miguel do Oeste. Santa Catarina. 2002. p. 130-137.
- COMPROMISSO E ATITUDE. **Combater a culpabilização das vítimas de violência sexual é desafio do Estado e sistema de justiça**. Disponível em: <<http://www.compromissoeatitude.org.br/combater-a-culpabilizacao-das-vitimas-de-violencia-sexual-e-desafio-do-estado-e-sistema-de-justica/>>. Acesso em: 29 out. 2016.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das habilidades sociais na infância**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das Relações Interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. **Psicologia das Relações Interpessoais: Vivências para o trabalho em grupo**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- FERRARI, D. C. A.; VECINA, T. C. C. **O Fim do Silêncio na Violência Familiar - Teoria e Prática**. São Paulo: Ágora, 2002.
- PLATAFORMA BARÔMETRO SOCIAL. **Família e comportamentos sociais na adolescência: dimensões estruturais e relacionais**. Disponível em: <<http://barometro.com.pt/archives/1195>>. Acesso em: 18 mar. 2016.
- PORTAL BRASIL. **Abuso sexual é o 2º tipo de violência mais comum contra crianças**. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/saude/2012/05/abuso-sexual-e-o-segundo-maior-tipo-de-violencia-contras-criancas-mostra-pesquisa>>. Acesso em: 09 out. 2015.
- SHAFFER, David R. **Psicologia do Desenvolvimento: Infância e Adolescência**. 4. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

